DOI: 10.33148/CES.V40I2.2787

METODOLOGIA *UKUMELANA:* INSURGÊNCIA EPISTÊMICA A PARTIR DE UM OLHAR ETNOGRÁFICO NEGROCENTRADO.

Viviane Rezende Alves[1]
Wagner Lins Lira[2]

RESUMO

Este artigo apresenta a Metodologia *Ukumelana*, uma proposta afrodiaspórica voltada a pesquisas fundamentadas em epistemologias negrocentradas, em diálogo com bases etnográficas. Desenvolvida no contexto de uma dissertação de mestrado, a abordagem articula corpo, memória e território como dimensões indissociáveis da produção do conhecimento, tensionando perspectivas que fragmentam sujeito e objeto. Estruturada em três encontros/grupos-base, a metodologia integra a escuta, a convivência e a experiência compartilhada, reconhecendo comunidades e saberes tradicionais como instâncias legítimas de produção epistêmica. A análise *ukumelana* é interpretativa e se organiza a partir das Categorias-Sementes e do Quadro de Equivalência Negro-Epistêmica (Qene), operando como dispositivo de deslocamento crítico diante de conceitos eurocentrados. A partir das vivências na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, conclui-se que, ao propor um olhar investigativo situado, relacional e contracolonial, a abordagem amplia os horizontes das pesquisas educacionais ao incorporar dimensões históricas, culturais e simbólicas dos povos negros e tradicionais, contribuindo para a construção de uma educação plural, crítica e comprometida com a diversidade epistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Afrocentricidade; Etnografia contracolonial; Negrocentrismo; Metodologia afrodiaspórica.

1 ORCID: https://orcid.org/0009-0004-9240-0358 - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: vivianerraa@gmail.com

2 ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5174-980X - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail:wagner.lira@ufrpe.br

UKUMELANA METHODOLOGY: EPISTEMIC INSURGENCY FROM A BLACK-CENTERED ETHNOGRAPHIC PERSPECTIVE

ABSTRACT

This article presents the *Ukumelana* Methodology, an Afro-diasporic approach to research grounded in Black-centered epistemologies, in dialogue with ethnographic foundations. Developed within the context of a master's dissertation, the approach articulates body, memory, and territory as inseparable dimensions of knowledge production, challenging perspectives that fragment subject and object. Structured around three encounters/core groups, the methodology integrates listening, coexistence, and shared experience, recognizing communities and traditional knowledge as legitimate sites of epistemic production. *Ukumelana* analysis is interpretative and is organized through Seed-Categories and the Black-Epistemic Equivalence Framework (Qene), operating as a critical device for displacing Eurocentric concepts. Based on lived experiences in the Quilombola Community of Lagoa da Pedra, it is concluded that, by proposing a situated, relational, and counter-colonial investigative perspective, the approach expands the horizons of educational research by incorporating historical, cultural, and symbolic dimensions of Black and traditional peoples, contributing to the construction of a plural, critical education committed to epistemic diversity.

KEYWORDS:Afrocentricity; Counter-colonial ethnography; Black-centeredness; Afro-diasporic methodology.

METODOLOGÍA *UKUMELANA:* INSURGENCIA EPISTÉMICA DESDE UNA MIRADA ETNOGRÁFICA NEGROCENTRADA

RESUMEN

Este artículo presenta la Metodología *Ukumelana*, una propuesta afrodiaspórica orientada a investigaciones fundamentadas en epistemologías negrocentradas, en diálogo con bases etnográficas. Desarrollada en el contexto de una tesis de maestría, la propuesta articula cuerpo, memoria y territorio como dimensiones inseparables de la producción del conocimiento, tensionando perspectivas que fragmentan sujeto y objeto. Estructurada en tres encuentros/grupos-base, la metodología integra escucha, convivencia y experiencia compartida, reconociendo comunidades y saberes tradicionales como instancias legítimas de producción epistémica. El análisis *ukumelana* es interpretativo y se organiza a partir de las Categorías-Semilla y del Cuadro de Equivalencia Negro-Epistémica (Qene), operando como un dispositivo de desplazamiento crítico frente a conceptos eurocéntricos. A partir de las vivencias en la Comunidad Quilombola Lagoa da Pedra, se concluye que, al proponer una mirada investigativa situada, relacional y contracolonial, la propuesta amplía los horizontes de la investigación educativa al incorporar dimensiones históricas, culturales y simbólicas de los pueblos negros y tradicionales, contribuyendo a la construcción de una educación plural, crítica y comprometida con la diversidad epistémica.

PALABRAS CLAVE: Afrocentricidad; Etnografía contracolonial; Negrocentrismo; Metodología afrodiaspórica.

1 INTRODUÇÃO

"*Quando nos propomos a escrever uma História do Negro no Brasil, sabíamos da dificuldade de tal empreendimento, entretanto se nos apresentou uma dificuldade inicial que foi o encontro de uma metodologia adequada e de uma outra conceitualização não só no nível do estudo em si, mas mais precisamente na utilização de conceitos que vão de encontro àqueles universalizados pela dominação ocidental, os quais consistem em expressar a posição do dominador frente aos seus dominados. Ao utilizar determinados termos entre aspas queríamos mostrar na prática como a ideologia de dominação, representada nela mesma, através da linguagem, o preconceito, evidencia uma situação de fato, isto é, o racismo, a discriminação. A "aceitação", a "integração", a "igualdade" são pontos de vista do dominador.*

Tomando como exemplo estes três conceitos poderemos demonstrar como se torna difícil para o negro, que se propõe estudar a discriminação racial (e não só ela em si, mas toda a história do negro brasileiro), conceituar do seu ponto de vista sua situação e suas aspirações dentro da sociedade dominante. Torna-se ainda mais difícil a metodização deste estudo, pois impregnado de uma cultura em todos os sentidos branca e europeizada se faz necessário perguntar-se a si próprio se determinados termos correspondem à sua perspectiva, se não são somente reflexos do preconceito, repetidos automaticamente sem nenhuma preocupação crítica. Ou seja, se não estamos somente repetindo os conceitos do dominador sem nos perguntarmos se isto corresponde ou não à nossa visão das coisas, se estes conceitos são uma prática, e caso fossem uma prática se isto é satisfatório para o negro".

Maria Beatriz Nascimento (2018, p.55)

A produção acadêmica brasileira, especialmente no campo da Educação, ainda opera majoritariamente sob a perspectiva de uma epistemologia eurocentrada – ou, como trataremos neste manuscrito, brancocentrada – referindo-se à produção de um grupo hegemônico (Carvalho, 2020). Pesquisadores brancos são comumente tomados como fundadores incontestáveis no debate de categorias como cultura, tradição e

território enquanto saberes negros, embora milenares e praticados cotidianamente em comunidades de resistência, seguem sendo marginalizados ou exotizados.

Confluindo ao aumento significativo de pesquisas na área da Educação das Relações Étnico-Raciais (Erer), a Dissertação intitulada "*O corpo tem memória agroecológica": Herança afrikana e saberes do campesinato negro na EJA Quilombola de Lagoa da Pedra (PE)"* evidenciou a necessidade de construção e adoção de novas abordagens metodológicas que considerem as emergentes realidades epistemológicas no âmbito de investigações desenvolvidas por pesquisadores e pesquisadoras negras(os) e/ou que se debruçam sobre categorias ligadas à negritude.

Durante o percurso, a autora e pesquisadora negra, contracolonial, transcultural e afrocentrada, viu-se implicada à problemática acerca da utilização de autores inscritos em tradições que historicamente silenciaram os saberes e práticas dos povos racializados e colonizados. Ainda que o estudo reconhecesse suas contribuições como ferramentas analíticas deslocadas de seus centros originários, e as mobilizasse como instrumentos de (re)leitura – e não como lentes absolutas –, reproduzia uma prática comum, quase impositiva, no contexto acadêmico: a de analisar contextos educativos brasileiros sob perspectivas brancocêntricas — enquanto mantinha referenciais negros como acessórios ou contraexemplos.

Como solução, a Dissertação apresentada assumiu o compromisso de estruturar um percurso metodológico que considera, valoriza e enaltece positivamente saberes-fazeres e experiências não ocidentais a partir das novas experiências sociais que ocorreram após o fenômeno da escravização de pessoas negras no Novo Mundo (Gilroy, 2007).

Assim, o conjunto de técnicas e instrumentos utilizados foi nomeado como Metodologia *Ukumelana* (MUká) — termo de origem bantu que significa "resistência" ou, "resistir coletivamente" — não apenas como instrumento de confronto e substituição crítica das categorias eurocentradas, mas sim como proposta crítica positiva de reordenação do pensamento educacional que contribui consubstancialmente para a resolução de uma questão não apenas pessoal, mas "socioacadêmica", comum às pesquisas em Erer.

Nessa direção, as reflexões fomentadas por este trabalho têm, como objetivo geral, consolidar a MUká como proposta afrorreferenciada que reconhece a indissociabilidade entre corpo, memória e território nas pesquisas em Erer.

Como objetivos específicos, busca-se sistematizar os fundamentos epistemológicos que sustentam a MUká, evidenciar sua aplicabilidade no contexto das pesquisas étnico-raciais e apresentar suas potencialidades enquanto caminho metodológico

para a produção de conhecimentos situados, implicados e comprometidos com outras matrizes epistemológicas.

Por fim, apresenta-se o caminho metodológico da Muká na dissertação que a deu origem, ressaltando que tal abordagem considera, valoriza e afirma saberes-fazeres e experiências não ocidentais, deslocando o olhar para outras matrizes de produção de conhecimento. Para tanto, assume-se como centralidade as histórias e práticas de grupos historicamente marginalizados, reconhecendo suas formas de resistência e seus modos próprios de produzir conhecimento (Gilroy, 2007).

Os subcapítulos que seguem são a materialização da reflexão acerca das categorias principais deste trabalho, atreladas à estratégia epistêmica de reinterpretação — apresentada como tática de guerrilha teórica que subverte e desloca o cânone, incorporando-o às cosmopercepções negras como modo de fortalecimento de uma leitura insurgente da realidade. Mais que desfiliar-se da tradição teórica europeia, o que se propõe é exercer uma hermenêutica encruzilhada, onde a comunidade, a memória e a oralidade são também dispositivos de pensamento e produção de conhecimento educacional.

2 ENCANTAMENTO TEÓRICO

Reflexões afrocentradas sobre comportamentos culturais, econômicos, sociais e educacionais contemporâneos só fazem sentido epistemológico "no contexto de uma determinada visão do fenômeno da escravidão no Novo Mundo, e de seu significado, mais abrangente de uma dada teoria do escravismo colonial moderno" (Cardoso, 2004, p.7).

Apesar de ser amplamente debatida em trabalhos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, neste estudo, propomos a análise da diáspora negra enquanto fato social que, acima de tudo, influenciou diretamente as formas de viver, de se fazer agricultura em contextos rurais, assim como, às diferentes formas educacionais envolvidas nesses processos.

Assim como em Afrika[3], os movimentos educacionais nos territórios rurais não se limitam à linearidade, pelo contrário, remontam à ideia de continuidade e de um

3 O termo "África" – que significa "ensolarado" ou "sem frio" - foi escolhido e imposto ao continente e aos seus povos como forma de rebaixar as culturas locais e negar suas realizações históricas como parte da civilização humana (Chimakonam, 2024). Assim, utilizamos o termo "Afrika" exatamente como aparece em diversas línguas bantu, grafado com "k" ao invés de "c" - e seus derivados - por considerar que a alteração de uma única letra já se configura como estratégia linguística contracolonial de enfrentamento antihegemônico (Miranda, 2021).

processo formativo que não termina ao final de cada encontro/aula/reunião, perdura e perpassa às aprendizagens cotidianas e às trocas de professores(as) com estudantes no espaço escolar, de estudantes com sua comunidade, da comunidade com o(a) professor(a), e de todos(as) com o meio, em constante mudança.

Trocas, como nos lembra o intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos, em sua obra *A terra dá, a terra quer* (2023), que representam movimentos cíclicos de trajetórias que sempre se misturam: "Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui" (*Id*., p.30).

Aqui compreendemos o prefixo "trans" exatamente como a etimologia da palavra apresenta em seu significado: "através, além de" (Dicio, [2025]), indicando que, ao unir-se a um sufixo, representa um novo contexto representacional somado a tudo aquilo que o atravessa, perpassa e ultrapassa. Assim, no contexto da estruturação, entendemos os movimentos das/nas comunidades, como enfrentamentos à lógica monocultural, monoeducacional, monoidentitária e binária que constitui os modos tradicionais hegemônicos de se fazer educação. Fugindo do modelo de ensino-aprendizagem bancário, e se aproximando do cenário aprendizagem-vivências-(re) aprendizagens.

Diversas perspectivas teóricas contra-hegemônicas abraçam e perpassam nossa proposta, consolidando um novo momento da história – ou, uma nova racionalidade histórica – que contempla: "uma ciência social descomprometida com o *status quo*, voltada a explicar as relações de dominação e os movimentos antissistêmicos nas relações internacionais" (Akcelrud, 2005, p.177).

Neste novo cenário epistemológico, os modelos brancocentrados – que sempre "desagenciaram" as populações negras dos seus lugares de protagonismo na história (Asante, 2009) – não são mais os únicos pilares a serem considerados. Novas agências, abordagens e perspectivas surgem – confluindo em um movimento global simultâneo – com a intenção de rejeitar a marginalidade destinada aos povos tradicionais frente à imposição da alteridade eurocentrista.

Concordamos e confluímos com a teoria decolonial ao propor a análise das relações educacionais a partir da valorização dos saberes-fazeres dos povos negros, incluindo sua relação com o capitalismo e com o controle do trabalho (Quijano, 2000; Rodney, 1975; Wallerstein, 2001); e com a teoria crítica do racismo por evidenciar as desigualdades sociais e econômicas das pessoas negras como consequências da colonialidade (Gonzalez, 1988; Munanga, 2024).

Porém, a materialização de nossa escolha epistemológica, ou seja, da orientação teórica e metodológica desta pesquisa se pauta na teoria contracolonial – por negar

padrões colonialistas engessados e fomentar novas formas anti-hegemônicas de estar no mundo, interpretados aqui como novos olhares e novas formas de experimentar e fazer educação -, somada aos ideais da Afrocentricidade (Asante, 2009; 2016) – por enaltecer o pensamento filosófico *afrikano* e os modos de vida originários em Afrika (Nascimento, 2007; 2009) como novas formas de olhar o mundo e reafirmar a "cultura afrikana como a base para nova(s) abordagem(ns) do conhecimento" (Asante, 2016, p.10).

Assim, o estudo se apresenta como uma pesquisa étnico-racial que valoriza saberes-fazeres utilizando como território epistêmico as comunidades negras e seu histórico atrelado à escravização, se consolidando como um estudo afrikanista, contracolonial, transcultural e "transeducacional".

Nesse contexto, conceitos como Quilombagem (Clóvis Moura), Quilombismo (Abdias do Nascimento) e Aquilombamento (Beatriz Nascimento) constituem potentes categorias analíticas e políticas para a construção de práticas educativas afrocentradas, capazes de tensionar e substituir marcos eurocêntricos historicamente dominantes na educação formal. Cada uma dessas categorias propõe uma forma de pensar o currículo, a produção de saberes e as relações pedagógicas a partir de experiências negras, coletivas e enraizadas na ancestralidade.

O Quilombismo de Abdias do Nascimento (1980) é uma proposta político-filosófica de organização social baseada na ancestralidade, solidariedade e autonomia coletiva. Na educação, inspira a construção de um currículo-memória, que rompe com a linearidade do currículo eurocentrado ao se ancorar na memória coletiva, nas experiências da comunidade e nos saberes ancestrais.

A Quilombagem, conforme Clóvis Moura (1981), refere-se a práticas coletivas de resistência como fugas, levantes e a formação de comunidades negras. No campo educacional, nossa proposta é que seja interpretada como oposição à pedagogia bancária (Freire, 1996), sustentada por epistemologias excludentes, e afirmativa à uma pedagogia da insurgência, que valoriza lutas, modos de vida comunitários e práticas de resistência como fundamentos do aprender.

Já o Aquilombamento, pensado por Beatriz Nascimento (2021), refere-se à criação de vínculos afetivos, territoriais e políticos entre sujeitos negros. Neste estudo propomos a utilização do conceito em oposição ao sujeito autônomo e abstrato da pedagogia liberal, considerando uma subjetividade coletiva e relacional, construída na partilha de saberes, na escuta intergeracional, na vivência espiritual e na resistência ao apagamento histórico.

Ao relacionar Quilombismo ao currículo-memória – em oposição ao currículo formal –, Quilombagem à superação da pedagogia bancária, e Aquilombamento ao rompimento com o individualismo, propõe-se um deslocamento radical das bases epistemológicas da educação: da colonialidade para a ancestralidade, da normatividade para a diversidade, da abstração para a vida vivida.

3 A METODOLOGIA *UKUMELANA - 0150 MUKÁ*

Por escolha estrutural, afirmamos que pesquisas voltadas à análise de processos educativos —, tanto implícitos e inconscientes quanto explícitos e conscientes nos saberes-fazeres dos(das) sujeitos(as) participantes, alinham-se aos pressupostos já validados pelo método etnográfico (Mainardes, 2009). A análise, nesse contexto, concentra-se na interpretação das categorias que emergem diretamente do campo, permitindo compreender os fenômenos estudados a partir da perspectiva dos participantes e de suas experiências cotidianas (Godoy, 1995). Esse enfoque favorece a aproximação com a realidade investigada, respeitando a voz dos sujeitos e o sentido de suas práticas.

Adicionalmente, alinhando pressupostos teóricos à perspectiva de estruturação metodológica, compreendemos a abordagem contracolonial como superação dos métodos tradicionais de pesquisa que promovem o enfrentamento direto à colonialidade, fortalecendo identidades e a integralidade dos territórios negros (Chaves, 2022). Um enfrentamento que se expressa, primordialmente diante da escolha em utilizar nossas próprias palavras, em vez das palavras impostas pelo colonizador (Santos, 2023).

Assim, com base nesses princípios, nomeamos a sistematização das experiências, estratégias e os instrumentos adotados na dissertação de mestrado como Metodologia *Ukumelana* ou, em sua forma reduzida: MUká.

A escolha afrocentrada da nomenclatura se concentra na identificação e resgate dos elementos de resistência afrikana, afro-brasileira e negro-brasileira nos processos educacionais, que possibilitam um fazer educacional único em cada comunidade, ligado às especificidades de cada uma delas, além de ultrapassar uma mera escolha etimológica, ao reafirmar o compromisso com uma produção científica que rompe com paradigmas colonialistas e reconhece a força das epistemologias periféricas (Carvalho, 2023).

Parte também da reflexão de que, em pesquisas qualitativas, o rigor metodológico não é medido pela indicação de um nome, mas sim da "explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita" (André, 2013, p.96). Observando sempre os princípios gerais ligados à problemática, aos

recursos disponíveis, à habilidade do pesquisador e aos pressupostos teóricos (Neves, 2006).

Somado a isso, essa autora dialoga com Becker (1993) quando afirma que "a metodologia é importante demais para se limitar aos metodólogos", e ainda, ao que propõe Carvalho (2023), quando aponta que precisamos consolidar práticas que "contribuam para o estabelecimento de uma universidade pluriepistêmica, com espaço intelectual para abrigar os conhecimentos afrocêntricos, indigenocêntricos, quilombocêntricos, das culturas populares e dos demais povos tradicionais brasileiros" (Carvalho, 2023, p. 12).

Por fim, por ser um estudo transcultural (Santana, 2021) que considera o contexto dos quilombos como espaços de resistência das epistemologias negras, assim como de produção de processos educativos orgânicos e escolarizados, os métodos utilizados foram aplicados a partir de um perspectiva diaspórica que considerou o contexto socioeconômico e cultural instaurado com a escravização de pessoas afrikanas como determinante para as novas relações de vida, trabalho, educação e cultura no "novo mundo" (Gilroy, 2007).

A fim de atender a pressupostos da cientificidade,– e validação da proposta no meio acadêmico (Minayo, 2023), – a MUká exige impreterivelmente que seus instrumentos estejam conectados às teorias de abordagens afrocentradas, contracoloniais e, além disso, que sigam procedimentos humanos que respeitem os princípios agroecológicos da vida, da diversidade, da complexidade, e da transformação (Aguiar et.al, 2017).

Com o objetivo de elencar o máximo de dados possível, propõe-se na MUká que diferentes tipos de estratégias de levantamento de dados sejam utilizados (Mainardes, 2009). Em relação à definição dos instrumentos e procedimentos, seguiu-se o proposto por Boni e Quaresma (2015), dividindo a organização em três macrogrupos: a pesquisa bibliográfica, a observação em campo, e a coleta de dados através de entrevistas. Foram renomeadas estrategicamente e agrupadas em três grupos: Encontro com as Raízes Teóricas, Encontro com o Território-Vivente e Encontro com o Corpo-Memória.

3.1 GRUPOS-BASE, INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS



Os três encontros da MUká são seus grupos-base, etapas interdependentes e cíclicas que se entretecem como fios de uma esteira epistêmica insurgente e se entrelaçam à pesquisa representando a dimensão essencial da práxis afrocentrada de produção do

conhecimento: o saber ancestral, o saber vivido e o saber encarnado.



Dessa forma, objetivando uma identificação visual afrorreferenciada, cada grupo-base se liga a um Adinkra – sistema de escrita ideográfica da poderosa civilização Asante, cujo povo criador habita território que hoje chamamos de Gana (Nascimento; Gá, 2022) – que o representa de forma a registrar o avanço tecnológico negado aos(às) *afrikanos(as)* e descendentes em diáspora fortalecendo o princípio Sankofa: conhecer o passado para melhorar o presente e construir o futuro.



A primeira etapa, o Encontro com as Raízes Teóricas, une-se ao Adinkra *Nkyinkyim* – significando a jornada não linear da vida, suas idas e vindas em constante movimento e transformação (Deng, Nanor, 2021).

A segunda, Encontro com o Território-Vivente, é representada pelo *Eban* — que significa "cerca" em Akan — representa o espaço seguro, protegido e afetivo onde a vida comunitária se enraíza e floresce, reconhecendo o território como espaço sagrado e relacional, onde circulam memórias, afetos e resistências.

Por fim, a etapa do Encontro com o Corpo-Memória se liga ao Adinkra *Kae Me* — que significa "se lembre de mim" — uma invocação à memória viva dos que vieram antes — para não esquecer os que foram apagados pela violência do tempo e do racismo.

O Encontro com as Raízes Teóricas foi composto por:

- Pesquisa Bibliográfica: embora costumeiramente associada ao pré-campo, na MUká é compreendida como etapa contínua, reativada a cada novo encontro com o território e suas demandas (Neves, 2006);
- Estado da Arte: voltado à produção em Erer, com ênfase em identificar recorrências teóricas, lógicas eurocêntricas dominantes e ausências que evidenciem epistemicídios (Ribeiro, 2019);
- Identificação das Categorias-Sementes: orientam a análise e representam cosmopercepções originárias com densidade ontológica e política (Miranda, 2007);
- Elaboração do Quadro de Equivalência Negra-Epistêmica (Qene) – instrumento que contrapõe conceitos eurocentrados e suas limitações

a alternativas afrorreferenciadas, fundamentadas por autores, tradições orais e práticas ancestrais.

As Categorias-Sementes não são conceitos rígidos, tampouco classificações estanques. Elas operam como sementes lançadas no solo da pesquisa: germinam a partir da observação participante, da convivência, da escuta atenta e do entrelaçamento entre os saberes orgânicos da comunidade e os saberes escolarizados. Inspiradas na lógica agroecológica, essas categorias carregam potência de crescimento, transformação e ramificação, acompanhando os movimentos de confluência e refluência dos saberes no território (Santos, 2015).

Essa escolha dialoga diretamente com a afrocentricidade, conforme proposta por Asante (2009), ao deslocar o eixo interpretativo para pessoas negras e seus sistemas de significado. Também se articula com o pensamento de Beatriz Nascimento (2018), compreendendo a memória como elemento estruturante da existência quilombola, e com as reflexões de Clóvis Moura (2020), reconhecendo o quilombo como organização social, política e epistemológica, e não apenas como categoria histórica.

No contexto da MUká, as Categorias-Sementes se articulam com os encontros metodológicos — território-vivente, corpo-memória e raízes teóricas — funcionando como fios que atravessam toda a análise e circulando entre elas, reafirmando a não linearidade do processo investigativo.

Somadas a essas reflexões, elabora-se o Qene, instrumento analítico criado para tensionar a hegemonia das categorias eurocentradas de análise e evidenciar a equivalência epistemológica entre os saberes negros, quilombolas e tradicionais e os conceitos consagrados pela academia ocidental. O Qene não busca traduzir os saberes da comunidade para uma linguagem acadêmica como forma de validação, mas colocá-los em relação horizontal, reconhecendo sua autonomia, complexidade e racionalidade própria.

Opera, portanto, como um dispositivo político-epistemológico de enfrentamento ao epistemicídio (Santos, 2019), ao demonstrar que aquilo que muitas vezes é nomeado como "saber popular", "conhecimento empírico" ou "tradição" corresponde, em termos de densidade conceitual, a categorias amplamente reconhecidas no campo científico — ainda que organizadas a partir de outras cosmopercepções.

A segunda etapa da Muká, o Encontro com o Território-Vivente, compreendido como uma imersão ética, simbólica e epistêmica em um território vivo, não apenas geográfico, mas também afetivo, político e ancestral (Rufino, 2019) — é dividido entre o Terreno Normativo, onde é realizado o levantamento da normatização que perpassa a pesquisa; os Bastidores Pré-Campo, onde é realizado um estudo histórico-geográfico

do território; e a Observação Aquilombada, fase que articula elementos da observação informal/assistemática e participante (Boni, Quaresma, 2015), e os ressignifica a partir de um posicionamento contracolonial (Nascimento, 1980; Santos, 2015; 2023).

Em vez de "coletar dados", a Observação Aquilombada propõe viver com o território e sentir as vivências junto aos(às) interlocutores(as). Para isso, adota três etapas baseadas nas observações "descritivas, focalizadas e específicas" (Boni, Quaresma, 2015) por meio da elaboração de mapa social, espacial e temporal.

Porém, seguindo a mesma estratégia anti-hegemônica de enfrentamento linguístico, Miranda (2021); Santos (2015; 2023) propõem a adoção de nomenclaturas na língua zulu, do grupo bantu, respectivamente: *Chaza, Gxila e Ethize.* Cada uma representando uma movimentação metodológica e política que reafirma a experiência negra como lugar legítimo de produção de saberes:

- Observação *Chaza*: nessa fase, propõe-se compreender os aspectos e fluxos gerais da comunidade através da elaboração do mapa social (quem são, como vivem), espacial (onde vivem) e temporal (fluxos e horários, costumes) utilizando fotografias, filmagens, entrevistas, e registros no *kitábu*[4]. Aqui objetiva-se estruturar a relação das pessoas com a comunidade, com a terra, com a cultura, com a religião, e com suas identidades;
- Observação *Gxila*: nessa fase, propõe-se a interação com a comunidade em momentos previamente estabelecidos e combinados, por meio dos "papos circulares" –, termo utilizado em substituição a "rodas de conversa"–, enfatizando a não-formalidade, a circularidade, a partilha e a coletividade próprias das culturas afrikanas, negro-brasileiras e pindorâmicas (Santos, 2015);
- Observação *Ethize*: nessa fase, propõe-se a estruturação das perspectivas dos participantes acerca da temática abordada, relacionada aos objetivos da pesquisa. Para tal, pode-se elaborar e aplicar um instrumento construído especificamente para o contexto em questão, priorizando títulos relacionados à identidade cultural, trabalho e desejos pessoais, a serem preenchidos em ambiente empático e acolhedor, permitindo que expressem livremente suas vivências e emoções.

4 "Em suaíle, idioma do grupo banto falado principalmente na África oriental, kitábu (vocábulo paroxítono) significa 'livro' (Lopes, 2005). Utilizamos o termo em substituição para 'diário de campo'. "

Em resumo, *Chaza* representa a descrição da vida comunitária e das relações com o território, *Gxila* representa o aprofundamento na interação com os interlocutores e *Ethize*, a escuta insurgente dos sentidos atribuídos aos territórios, que desestabilizam lógicas coloniais. Cada uma dessas fases representa uma movimentação metodológica e política.

Por último, a terceira etapa da MUká, o Encontro com o Corpo-Memória, representa a dimensão prática da crítica epistemológica da MUká, propondo a produção de saberes enraizados na oralidade, na ancestralidade e na experiência vivida. A tradição oral é compreendida como fonte abrangente de conhecimento, integrando o espiritual e o material, moldando subjetividades e constituindo um tipo especial de pessoa (Lopes, 2005).

Essa terceira etapa utiliza tessituras de fala – em lugar de entrevistas semiestruturadas – como ferramenta metodológica para acessar narrativas sensíveis e subjetivas, reconhecendo a centralidade das vozes dos(das) subalternizados(as) (Carvalho, 2001) e os papos circulares – termo substituto para rodas de diálogos – voltados a desenvolver boas relações com as pessoas envolvidas e observar da forma mais atenta e cuidadosa possível os aspectos relacionados às questões éticas (Mainardes, 2009).

Quadro 1: Etapas da Metodologia *Ukumelana* - Quadro resumo

<table>
<tr><th>Grupo-base</th><th colspan="2">Subetapa</th><th>Foco Analítico</th></tr>
<tr><td rowspan="3">Encontro com as Raízes Teóricas (base epistemológica)</td><td colspan="2">Pesquisa bibliográfica</td><td rowspan="3">Construção da base teórica para a análise na pesquisa.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Categorias-sementes</td></tr>
<tr><td colspan="2">Quadro de Equivalência Negra-Epistêmica</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Encontro com o Território-Vivente (base empírica interpretativa, experiencial)</td><td colspan="2">Bastidores pré-campo</td><td>Organização da pesquisa; Reconhecimento geográfico do território, descrição dos interlocutores.</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Observação Aquilombada</td><td>Chaza</td><td>Fluxos gerais da vida comunitária.</td></tr>
<tr><td>Gxila</td><td>Interação com a comunidade.</td></tr>
<tr><td>Ethize</td><td>Identificação das africanidades no objeto elencado.</td></tr>
</table>

Grupo-base	Subetapa	Foco Analítico
Encontro com o Corpo-Memória (base empírica interpretativa, simbólica)		Pesquisador(a) x Objeto de estudo. Reflexão memorial e implicação ética, política e epistêmica do corpo do(da) pesquisador(a) no contexto pesquisado.
		Interloctores(as) x Objeto de Estudo. Tessituras de fala e papos circulares para analisar os sentidos e narrativas a partir das falas dos(das) interlocutores(as).

Fonte: autora (2025).

A lógica espiralar configura-se como um princípio organizador das pesquisas que compreende a produção do conhecimento como um processo não linear, relacional e contínuo (Martins, 2021), no qual os diferentes tempos, dimensões e movimentos investigativos não se sucedem de forma rígida, mas se articulam por meio de retornos e aprofundamentos.

Nesse sentido, a organização dos tempos pedagógicos da pesquisa não se estabelece de maneira pré-definida ou universal, mas se constitui em relação direta com o fenômeno investigado, com as condições concretas de produção do conhecimento e com os modos de inserção do(a) pesquisador(a) no campo. Os percursos investigativos passam, assim, a ser orientados pelas demandas que emergem do próprio processo de pesquisa, recusando a ideia de etapas fixas e hierarquizadas

Tal compreensão implica reconhecer que os pontos de partida são múltiplos e situados. Em contextos nos quais o(a) pesquisador(a) se encontra implicado(a) no fenômeno estudado – seja por pertencimento, vivência ou inserção no território –, as dimensões do corpo-memória e do território-vivente tendem a assumir centralidade inicial, uma vez que as experiências e relações constituídas no campo operam como fundamento da produção do conhecimento. Nesses casos, a teoria desloca-se de um lugar inaugural para um espaço de interlocução e aprofundamento, sendo mobilizada a partir das questões que emergem da experiência vivida.

3.2 A ANÁLISE *UKUMELANA*

A análise dos dados é conduzida a partir da interpretação das categorias que emergem diretamente do campo, tensionando procedimentos tradicionais para incorporarem uma perspectiva afrocentrada. Nesse percurso, as etapas de organização, codificação e interpretação dos dados são ressignificadas de forma ética, afetiva e insurgente,

assumindo a subjetividade do(da) pesquisador(a) como parte integrante do processo e reconhecendo os dados como expressões legítimas de saberes ancestrais.

Assim, a análise de dados na MUká – ou seja, a análise *ukumelana* - é orientada pela perspectiva afrocentrada, que recentraliza pessoas negras como produtoras e intérpretes legítimas do conhecimento. Adicionalmente, propomos uma abordagem interpretativa, inspirada na etnografia crítica (Mainardes, 2009) e na sistematização das fases científicas (Ollaik, Ziller, 2012).

Como "na pesquisa etnográfica, o processo de análise de dados ocorre paralelamente ao trabalho de campo" (Mainardes, 2009), na análise *ukumelana*, optamos por dividi-lo em três fases que se atravessam, perpassam e ultrapassam, acontecendo de forma às vezes simultânea, às vezes isolada, baseadas nas etapas de validação da pesquisa científica apresentadas por Ollaik e Ziller (2012): formulação, desenvolvimento, encarado neste estudo como envolvimento (Santos, 2015), resultados.

Adicionalmente, de forma intercruzada, utilizamos os três estágios para análise e apresentação das conclusões propostos por Becker (1993): seleção e definição dos problemas, controle da frequência e distribuição dos fenômenos, e construção e modelos de sistemas sociais.

Como estratégia pedagógica de facilitação da compreensão, optamos por representar a confluência dessas etapas com nomenclaturas que correspondem às fases dos ciclos agrícolas básicos, considerando a profunda relação dos povos tradicionais com a terra. Ou seja, em ciclos interdependentes: preparo da terra, primeira colheita e segunda colheita (Andrade *et al.*, 2023). Esses estágios se entrelaçam com os princípios da Afrocentricidade (Asante, 2009; 2016), guiando a interpretação dos dados a partir das epistemes, experiências e espiritualidades afro-brasileiras.

Preparo da terra: o começo do cultivo

A fase marca o início do cultivo analítico: é quando o(a) pesquisador(a) se insere no campo, identifica categorias iniciais e revisa documentos e narrativas que contextualizam o fenômeno estudado. É onde se reafirma o que foi construído no Encontro com as Raízes Teóricas diante dos primeiros registros oriundos do Encontro com o Território–Vivente – principalmente em sua subetapa *Chaza*, quando acontecem os primeiros encontros. Aqui são tecidas as interpretações das relações das pessoas com o território.

Nesta etapa, efetua-se o momento da análise das primeiras observações do grupo social objetivando a compreensão direta do que deve ser analisado a partir da

reflexão e definição de qual o papel do(da) pesquisador(a) no grupo. Neste sentido: "verificar a validade de uma pesquisa seria determinar se ela de fato mede verdadeiramente o que o pesquisador se propôs a medir, se seus processos metodológicos são coerentes e se seus resultados são consistentes" (Ollaik, Ziller, 2012, p.232).

Assim, utilizamos a situação análoga ao preparo da terra por considerar que, na agricultura, esta etapa antecede a estação chuvosa para garantir condições adequadas ao plantio, incluindo aragem, gradagem e adubação, representando o momento inicial. E, na pesquisa do tipo etnográfico, possibilita a identificação de regularidades (aspectos que se repetem), inconsistências, e questões que ficaram sem explicação (Mainardes, 2009).

Estão presentes nesta etapa: a seleção e definição dos problemas encontrados, os conceitos e índices, assim como possibilidades e reflexões sobre a equação "grupo--informante-observador" (Neves, 2006). Também é possível identificar se as categorias de análise previamente definidas pelo método dedutivo – conhecidas como categorias *a priori* pois são deduzidas das teorias que servem de fundamento para a pesquisa (Sousa, Galiazzi, 2017) – aparecem em temas recorrentes (padrões, expressões, práticas e significados que se repetem).

Nesse caso, deve-se organizá-las, por proximidade semântica e/ou conceitual, em quadros preliminares com as devidas evidências elencadas na pesquisa (Mainardes, 2009). Ao relacioná-las com os conceitos já discutidos na etapa do Encontro com as Raízes Teóricas busca-se reafirmá-las, dar novos significados e identificar como se expressam nas políticas e práticas educacionais e comunitárias.

Assim, essa etapa corresponde à pré-análise afrocentrada, voltada à escuta sensível e à preparação ética do solo epistêmico.

Primeira colheita: Envolvimento com os frutos da escuta e da presença

Nesta etapa, o envolvimento com o campo se intensifica por meio da análise dos dados vivenciados na Observação Aquilombada – etapa do Encontro com Território-Vivente –principalmente em sua subetapa *Gxila*, onde ocorrem interpretações mais profundas dos encontros com a comunidade. Enfatiza-se o caráter não formal, a circularidade, a partilha, a coletividade e se elencam-se as possíveis proximidades entre as filosofias e heranças afrikanas e as práticas culturais, identitárias e educacionais em questão. Executa-se a análise dos registros no *kitabu* (diário de campo), das tessituras,

dos papos circulares e dos outros dados qualitativos em confronto com a literatura da área e com outras pesquisas (Mainardes, 2009).

Nesse momento de diálogo teoria-campo, categorias "emergentes", não previstas inicialmente, surgem a partir do fenômeno analisado (Sousa, Galiazzi, 2017) e exigem a mudança dos pressupostos. Ocorre a verificação sobre se essas novas categorias fazem sentido dentro do contexto da pesquisa e sobre a sua sustentação pelos dados.

É aqui que, na análise *ukumelana*, e nas pesquisas com intuito de fortalecimento da Erer, estas novas categorias se encontram com temáticas da ancestralidade, resistência e reexistência, e se cruzam com as categorias elencadas inicialmente, dando origem às categorias-sementes.

Esse momento da análise é crucial para o envolvimento com o campo, onde se materializa a exploração sensível dos dados, e onde as categorias são interpretadas como informação, mas também, como expressão viva dos modos de ser e do saber negro-brasileiro. Une-se assim ao termo "primeira colheita", por referir-se ao ciclo agrícola que traz aprendizados sobre o solo, o clima e as sementes, podendo haver surpresas, ajustes, perdas parciais e redefinições para novos possíveis caminhos.

Segunda colheita: A força dos saberes madurados

A etapa simboliza a maturação dos saberes. Nesse momento, os dados são revisitados à luz de uma escuta profunda, integrando elementos simbólicos, visuais e narrativos.

Aqui, concretizando a análise das subetapas que correspondem ao *Encontro com o Corpo-Memória*, somadas à subetapa *Ethize*, realiza-se a interpretação dos comportamentos e significados culturais de forma a surtirem efeito para a emancipação social no impacto da pesquisa, ou seja, em sua validade externa (Ollaik; Ziller, 2012).

A comparação análoga ao ciclo agrícola ocorre porque a "segunda colheita" é um momento de amadurecimento, reafirmação do vínculo com a terra e mais consciência sobre os processos de produção utilizados. Na agricultura, depois da primeira colheita, da análise, e do aprimoramento das técnicas, os alimentos tendem a ficar mais robustos, saborosos e completos em nutrientes, pois houve tempo suficiente para que a natureza e o cuidado humano aprimorassem os resultados.

Na análise *ukumelana*, após *o preparo da terra* e a *primeira colheita*, os encontros não são novos, mas amadurecidos pelo tempo, pela história e pela vivência. O

momento representa a consolidação das análises mais profundas e dos sentidos complexos que surgem a partir da escuta mais longa e da convivência mais enraizada.

Assim, depois das colheitas, torna-se possível mergulhar nas tessituras e nos papos-circulares de forma profunda e impressionista (Angrosino, 2009), pois se relacionam e se adicionam aos relatos elementos literários como mitos e lendas, descrições poéticas, autoetnografia, e metáforas para endossar a estrutura narrativa ligada à sua raiz social, econômica e cultural de herança ancestral afrikana e afro-brasileira perpassada através dos tempos pela oralidade.

3.4 O MÉTODO VIVIDO: EXPERIÊNCIA PILOTO DA DISSERTAÇÃO EM QUESTÃO

Como dito anteriormente, a Metodologia *Ukumelana* surge em resposta – pessoal, política e acadêmica – à necessidade de percursos afrorreferenciados para as pesquisas que perpassam a Erer. Assim, estabeleceu-se como uma proposta afrodiaspórica, insurgente e comprometida com a produção de conhecimentos enraizados nas experiências, narrativas, corporeidades e espiritualidades negras.

Este tópico destina-se a apresentar a experiência da MUká aplicada na Dissertação intitulada: "*O corpo tem memória agroecológica": Herança afrikana e saberes do campesinato negro na EJA Quilombola de Lagoa da Pedra (PE)*, de autoria da pesquisadora Viviane Rezende Alves, sob a orientação do professor doutor Wagner Lins Lira.

O trabalho, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGeci), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), foi realizado com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe), e defendido em 26 de fevereiro de 2026, obtendo sua aprovação.

Com o objetivo de investigar as confluências entre processos educativos orgânicos e escolarizados no componente curricular obrigatório do Ensino Médio da EJA Quilombola Pernambucana: *Territorialidades Quilombolas e Agroecologia* (na Comunidade Lagoa da Pedra, município de Bom Conselho), a pesquisa conseguiu envolver teoria, campo e análise respeitando os tempos do território, da memória e da vida comunitária.

Assim, o Encontro com as Raízes Teóricas, vinculado à etapa de preparo da terra, consistiu na inserção da pesquisadora no território epistêmico da pesquisa, dedicada à construção do referencial ideológico, histórico e conceitual do trabalho. Incluiu levantamento bibliográfico, documental e memorial da autora e da comunidade, iden-

tificação de categorias analíticas iniciais e elaboração do Qene, que orientou a leitura dos dados.

Após os primeiros encontros com o Território-Vivente e a emergência de novas categorias analíticas, tornou-se necessário atualizar continuamente o referencial teórico, consoante à lógica espiralada e não linear da MUká.

O Encontro com o Território-Vivente, correspondente à primeira colheita, constituiu a etapa empírica da pesquisa, compreendendo o território como espaço histórico, educativo e produtor de conhecimento. Entre agosto e dezembro de 2025, a Observação Aquilombada, estruturada nas subetapas *Chaza*, *Gxila* e *Ethize*, acompanhou dinâmicas comunitárias, escolares e ligadas ao trabalho, além das narrativas dos(as) interlocutores(as).

O Encontro com o Corpo-Memória, entrelaçado à segunda colheita, correspondeu à etapa interpretativa e simbólica, e não aconteceu concomitantemente ao início do Território-Vivente. Preferiu-se aprofundar os vínculos antes dos contatos individualizados e dos registros das imagens.

A lógica do método permaneceu não linear: teoria, campo e análise coexistiram, retornaram e se reconfiguraram, tornando a pesquisa um movimento espiralado de encontros, no qual cada etapa fortaleceu as demais e a produção do conhecimento se manteve relacional, situada e sensível às temporalidades e memórias negras.

3.4.1 Construção das Categorias-Sementes no Qene

A análise se ancorou na escuta do território, na centralidade das experiências quilombolas e na compreensão de que os saberes produzidos na vida comunitária possuem densidade teórica própria (Chaves, 2022; Carvalho, 2020). As categorias analíticas não foram importadas de modelos eurocêntricos, mas emergiram do encontro entre campo, memória, oralidade e referencial afrocentrado, constituindo-se como Categorias-Sementes.

Inicialmente, as categorias "a priori", surgidas a partir das teorias que fundamentaram a pesquisa (Sousa, Galiazzi, 2017), foram: Quilombo, Coletividade, Herança Afrikana, Saberes Tradicionais, Educação formal, Educação informal, Agroecologia e Organização sociopolítica. Com o contato com o cotidiano do território e com as observações das aulas, novas categorias emergiram, indicando dimensões não antecipadas.

A construção do Qene, apresentado no Quadro 02, orientou a reelaboração das categorias, permitindo uma leitura analítica afrorreferenciada e sensível aos sentidos do território (Santos, 2023; Martins, 2021).

Quadro 2: Quadro de Equivalência Negra-Epistêmica (Qene)

Conceito Eurocêntrico	**Olhar Negrocêntrico**
Dádiva e reciprocidade	Ubuntu
Desenvolvimento territorial	Envolvimento territorial
Educação formal	Conhecimento sintético
Educação informal	Conhecimento orgânico
Espaço geográfico	Território-vivente
Identidade cultural	Ancestralidade
Linearidade	Espiralidade
Conhecimento científico	Saber-fazer ancestral
Organização sociopolítica	Aquilombamento
Práticas comunitárias	Quilombagem
Reflexão coletiva	Quilombismo
Registros documentais	Oralidade-memória
Sustentabilidade	Biointeração

A partir do Qene e do contato com o campo, as categorias se reestruturaram. Mantiveram-se: Agroecologia – representando modos históricos e biointerativos com a terra (Leff, 2002; Nascimento, 2018) – e Ancestralidade, Biointeração e Herança Afrikana, compreendendo saberes *afrikanos* e afro-brasileiros, memória ancestral e relações recíprocas com a natureza (Krenak, 2019; Santos, 2023; Martins, 2021).

Coletividade transformou-se em *ubuntu*; Saberes tradicionais em saberes-fazeres; Educação formal em conhecimento sintético; Educação informal em conhecimento orgânico; e organização política em quilombismo, expressando autonomia, resistência e governança comunitária (Nascimento, 2018; Santos, 2023). Nem todos os conceitos do Qene viraram Categorias-Sementes, pois o quadro serve como guia para ressignificação analítica sensível ao contexto quilombola.

Assim, as Categorias-Sementes que guiaram a análise foram: Agroecologia, Ancestralidade, Biointeração, Colonialidade, Conhecimento Orgânico, Quilombagem, Herança Afrikana, Oralidade, Saberes-Fazeres e *Ubuntu*. A relação entre elas e o Qene não indicou subordinação, mas evidenciou que os saberes quilombolas possuem equivalência epistêmica, reafirmando o lugar da comunidade como produtora de conhecimento. Dessa forma, Categorias-Sementes e Qene estruturaram a análise afrocentrada da agroecologia, educação e territorialidades quilombolas, expressando uma escolha política e epistemológica de reconhecer os saberes negros e comunitários em sua plenitude.

3.4.2 Inserção no Território-Vivente

A inserção no campo seguiu uma abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, baseada na observação participante como prática de convivência e escuta prolongada (Malinowski, 1978; Geertz, 2008; Minayo, 2005).

A vivência se estendeu além de Lagoa da Pedra, incluindo as comunidades de Rainha Isabel, do Angico, e os municípios de Bom Conselho e Garanhuns, ampliando a compreensão das relações territoriais, fluxos cotidianos e conexões entre comunidades, espaços urbanos e instâncias institucionais (Santos, 2006; Nascimento, 2018).

A inserção no campo ocorreu entre agosto e dezembro, às segundas-feiras, e iniciou tardiamente ao previsto no cronograma da pesquisa devido ao período de chuvas intensas que interditou estradas, respeitando assim o ritmo imposto pelas condições naturais e reafirmando a centralidade do território na vida comunitária (Leff, 2002).

A rotina incluía deslocamento diário, visitas às casas e roçados dos(das) estudantes, auxílio em suas atividades laborais e acompanhamento das aulas, permitindo compreender a escola como extensão do território e espaço educativo ampliado (Freire, 1996; Arroyo, 1999; 2025).

3.4.3 Aproximação às pessoas e suas memórias

O Encontro com o Corpo-Memória insere-se na segunda colheita da MUká, aprofundando analiticamente as experiências vividas no território, compreendendo o corpo como espaço de inscrição da memória, ancestralidade e saberes coletivos (Martins, 2021; Nascimento, 2018; Santos, 2023). O Corpo-Memória mediou a relação entre experiência orgânica e sistematização analítica, reconhecendo o conhecimento como processo encarnado, relacional e situado (Martins, 2021; Nascimento, 2018).

Os procedimentos metodológicos priorizaram a construção gradual da confiança com os(as) interlocutores(as), evitando gravações iniciais e limitando registros visuais a fotografias, para que a convivência precedesse o registro, conforme princípios éticos e freirianos (Brandão, 2007; Freire, 1996). Os papos circulares – rodas de diálogo – ocorreram de forma espontânea e semiestruturada, em conversas informais durante trajetos, deslocamentos, aproveitando o transporte como momento propício à escuta e à partilha (Freire, 1996; Arroyo, 1999). Os temas abordados incluíram a importância da educação quilombola e a origem da agricultura local, alinhando-se à pedagogia freiriana e à valorização da experiência.

As tessituras ocorreram em múltiplos espaços e tempos: caminhadas, visitas aos roçados, intervalos de aula, transporte escolar e conversas virtuais por aplicativos de trocas de mensagens.

Os procedimentos incluíram registros de experiências corporificadas pela Observação Aquilombada, anotações no *kitabu*, filmagens e gravações de práticas agrícolas e escolares. Arquivos de áudio que integraram o corpus analítico foram transcritos com o aplicativo de uso gratuito, o Turboscribe.

O gesto, a prática, o ritmo do trabalho e a memória foram tratados como dimensões analíticas em diálogo com Educação do Campo, pedagogia freiriana, filosofia bantu e estudos sobre memória corporal (Nascimento, 2018; Moura, 2020; Freire, 1996; Ngomane, 2022; Noguera, 2012). Assim, a articulação entre Observação Aquilombada e Corpo-Memória revelou formas coletivas de resistência, permanência e organização quilombola, em consonância com os conceitos de quilombagem e quilombismo (Moura, 2014; Santos, 2015).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRANSEDUCACIONAIS TRANSITORIAIS

Este trabalho não pretende oferecer respostas conclusivas ou encerrar debates, mas almeja afirmar a Metodologia *Ukumelana* como um caminho possível para a construção de outras formas de produzir conhecimento.

Ao assumir um novo eixo epistemológico e metodológico, propôs-se uma ruptura com a linearidade moderna e eurocentrada de pesquisa, deslocando a produção científica para um campo relacional, implicado e atravessado pelas dimensões do corpo, da memória, do território e da ancestralidade.

Assim, a *ukumelana* é constituída como uma metodologia que não separa teoria, método e análise, mas os compreende como encontros que se entrecruzam, se tensionam e se reconfiguram continuamente. Na prática, isso significou caminhar pelos roçados da comunidade, acompanhar a colheita junto às famílias, participar das rodas de conversa e dos momentos de partilha. Cada gesto e cada prática corporalizada se tornaram fonte de aprendizagem, evidenciando que os saberes do corpo-memória sobrevivem e se reinventam cotidianamente, mesmo diante das imposições do mundo colonial ao contemporâneo.

Como contribuição, a dissertação afirma a potência da educação afrocentrada e evidencia que a vivência dos três encontros da MUká inaugura outras possibilidades metodológicas para as pesquisas educacionais. Nesse movimento, ressignifica a etno-

grafia como uma abordagem diaspórica, na qual corpo, memória e ancestralidade são objetos de análise e fundamentos epistemológicos que orientam o fazer científico para além dos limites impostos pela racionalidade moderna e eurocentrada.

Por fim, assim como o movimento espiralar que a sustenta, a MUká permanece em construção, aberta às reconfigurações, aos atravessamentos e às experiências que emergem dos diferentes contextos em que será mobilizada como um gesto contínuo de deslocamento, criação e aquilombamento, inspirado pelos roçados, memórias e pessoas de Lagoa da Pedra, que ensinam, resistem e mantêm vivos saberes ancestrais apesar da colonialidade.

REFERÊNCIAS

AKCELRUD, Alex. "As mil faces da globalização". *Lutas Sociais*, n. 13/14, p. 177-181, 2005.

ANDRADE, Wildes Souza; SARAIVA, Vitória Hellen Cardoso; PREVIERO, Conceição Aparecida. "A agroecologia e povos quilombolas no Tocantins. *Singular. Meio Ambiente e Agrárias*, v. 1, n. especial, p. 6-19, 2023.

ANDRÉ, Marli. "O que é um estudo de caso qualitativo em educação". *Revista da Faaeba: Educação e Contemporaneidade*, p. 95-103, 2013.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*: coleção pesquisa qualitativa. Bookman Editora, 2009.

ARROYO, Miguel González. "Os oprimidos resistem às pedagogias hegemônicas e afirmantes de pedagogias contra-hegemônicas". *Revista HistedBR On-line*, v. 25, p. e025031-e025031, 2025.

ARROYO, Miguel. *Educação Básica e movimentos sociais.* Brasília: Articulação nacional por uma educação básica no campo, 1999. Col. Por uma Educação Básica no Campo, vol 2.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental:* introdução a uma ideia. Ensaios Filosóficos, 2016.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade:* notas sobre uma posição disciplinar. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.

ATKINSON, Paul; HAMMERSLEY, Martyn. *Etnografia: Princípios em prática. Petrópolis-RJ:* Vozes, 2022.

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.* São Paulo: Hucitec, 1993.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. "Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais". *Em tese*, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Sociedade e cultura, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Escravo ou camponês?* O protocampesinato negro nas Américas. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

CARVALHO, José Jorge de. "Epistemômetro: uma metodologia para a descolonização e transformação do currículo das universidades brasileiras". *Pragmatiza*, v. 13, n. 25, p. 302-45, 2023.

CARVALHO, Jose Jorge. "Epistemômetro: uma metodologia para a descolonização do currículo das universidades brasileiras (primeira versão)". *Cadernos de Inclusão*. Publicação do Instituto de Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa INCTI/UnB/CNPq, 2020.

CARVALHO, José Jorge de. "O olhar etnográfico e a voz subalterna". *Horizontes antropológicos*, v. 7, p. 107-147, 2001.

CHAVES, Marjorie Nogueira. "O ofício das raizeiras Cedrinas: práticas de cuidado e modos de fazer ciência contracolonial". *Revista Pluralistas*, v. 9, n. 1, 2022. l

CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

DENG, Lili; NANOR, Julius Nuertey. *Application of the Ghanaian Adinkra symbols in jewelry package design*. 2021.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial*: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, 1996.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro:* modernidade e dupla consciência. 2 ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2007.

GODOY, Arlida Schmidt. "Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades". *Revista de administração de empresas*, v. 35, p. 57-63, 1995.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". In: *Tempo Brasileiro.* Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

LEFF, Enrique. "Agroecologia e saber ambiental". *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

LOPES, Nei. *Kitábu:* O livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005. 336p.

MAINARDES, Jefferson. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. *Pesquisa social:* reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 99-123, 2009.

MALINOWSKI, Bronisław. *Argonautas do pacífico ocidental.* São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*, poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DE ASSIS, Simone Gonçalves; DE SOUZA, Edinilsa Ramos (Ed.). *Avaliação por triangulação de métodos:* abordagem de programas sociais. SciELO-Editora Fiocruz, 2005.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. "A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD". *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, v. 8, 2007.

MIRANDA, Sérgio Gomes de. "Ideologias de Linguagem: uma breve discussão acerca da mudança de paradigmas nas ciências e no ensino da linguagem". *Building the way - Revista do Curso de Letras da UEG* (ISSNe 2237-2075) 11, no. 1 (2021).

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981.

MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo.* São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Mestiçagem e identidade afro-brasileira.* Cadernos Penesb, v. 1, p. 9-20, 1999.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude – Nova Edição:* Usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo. documentos de uma militância pan-afrikanista.* Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Uma história feita por mãos negras.* São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NASCIMENTO, Maria *Beatriz. Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual:* Possibilidade nos dias da destruição. Filhos da África, 2018.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. "Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados". *Pesquisas e práticas psicossociais*, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2006.

NGOMANE, Mungi. *Ubuntu todos os dias.* Best Seller, 2022.

NOGUERA, Renato. "Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva". *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros(as) (ABPN)*, v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.

OLLAIK, Leila Giandoni; ZILLER, Henrique Moraes. "Concepções de validade em pesquisas qualitativas". *Educação e Pesquisa*, v. 38, p. 229-242, 2012.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade do poder e eurocentrismo na América Latina". *Sociologia internacional,* v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Serra Nova, 1975.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Mórula editorial, 2019.

SANTANA, Moisés de Melo. "Diversidade cultural, educação e transculturalismo crítico – um rascunho inicial para discussão". *Cadernos de Estudos Sociais,* Recife, v. 36, n. 2, p. 289-307, jul./dez. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos:* modos e significações. Brasília: Incti/UnB. 2015.

SANTOS, Milton. "O dinheiro e o território". *Geographia: Revista da Pós-Graduação em Geografia*, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999.

SOUSA, Robson Simplicio de; GALIAZZI, Maria do Carmo. "A categoria na análise textual discursiva: sobre método e sistema em direção à abertura interpretativa". *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 9, p. 514-538, 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.